



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

JOSÉ GUSTAVO FRANÇA DE MEDEIROS

**PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB: UMA
ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO E NA CIDADE**

**GUARABIRA
2023**

JOSÉ GUSTAVO FRANÇA DE MEDEIROS

**PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB: UMA
ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO E NA CIDADE**

Trabalho de Conclusão (TCC -Artigo) apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Espaço Agrário: reorganização espacial e relações de trabalho

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M258p Medeiros, José Gustavo França de.
Produção agropecuária no município de Bananeiras-PB [manuscrito] : uma análise das transformações no campo e na cidade / José Gustavo França de Medeiros. - 2023.
39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Bananeiras-PB. 2. Brejo Paraibano. 3. Produção Agropecuária. 4. Turismo. I. Título

21. ed. CDD 333.7

JOSÉ GUSTAVO FRANÇA DE MEDEIROS

PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO E NA CIDADE

Trabalho de Conclusão (TCC -Artigo) apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Espaço Agrário: reorganização espacial e relações de trabalho

Aprovada em: 21 /11/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

As minhas mães Ilda França (avó) e Iquinha França (mãe) pela dedicação e amor durante toda a vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho foi acompanhada pelo esforço direto e indireto de inúmeras pessoas, posso cometer o erro de esquecer alguém, mas em meu coração jamais esquecerei daqueles que me ajudaram.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, a oportunidade de ter passado no ENEM e ter concluído essa graduação em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba, me dando forças e me guiando ao longo de todo de todo o curso.

As minhas duas mães Ilda França (avó) e Iquinha França (mãe), por todo apoio e incentivo desde os tempos de escola, sempre me oferecendo as melhores condições para que eu pudesse estudar sem maiores preocupações. E por toda palavra de incentivo ao longo dessa jornada.

A minha tia Cícera de Luna França (*in memoriam*), meu avô (pai) José França Matos (*in memoriam*) e ao meu tio Severino de Luna França (*in memoriam*), que embora fisicamente ausentes, sentia as suas presenças ao meu lado, dando-me força. E sei que estariam felizes com essa conquista.

Aos meus tios Diniz, Raminho, José e Dasdores por serem exemplo de luta, determinação, coragem e de como vencer na vida com o próprio esforço. E sem esquecer de todos os outros membros e agregados da família França por todo apoio e palavras de incentivo ao longo do caminho.

A minha noiva Claudiana Dias, por todo carinho, atenção e palavras de força e incentivo durante a realização desse trabalho. Com certeza ela foi meu combustível nessa reta final.

Aos amigos de “busão” da UEPB, em especial Ellen, Susane, Léo, Jandeilson e Maykon por todas nossas conversas e brincadeiras nas viagens de toda semana, que com certeza tornaram os 4,5 de curso mais leve e rápidos.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio nos momentos difíceis que passamos juntos, a pandemia como principal exemplo. Torço muito pelo sucesso de todos.

A todos os professores por todo aprendizado por meio das disciplinas e debates. Em especial aos professores Leandro Paiva e Belarmino Mariano, que são inspirações não só no meio acadêmico, mas na vida. Eles que ainda me deram a chance de ser bolsista PIBIC, experiência que jamais esquecerei.

A diretora da Escola Municipal de Ensino Emília de Oliveira Neves, Jandimária Cunegundes, por toda confiança e apoio não só durante a realização dos estágios, mas me dando a oportunidade de iniciar minha carreira na docência como professor da escola.

E a todos os meus alunos dos 9º anos (A, B e C) que são um combustível diária para o meu crescimento pessoal e profissional.

“Encontrou-se, em boa política, o segredo de fazer morrer de fome aqueles que, cultivando a terra, fazem viver os outros.” Voltaire.

MEDEIROS, José Gustavo França de. Produção agropecuária no município de Bananeiras-PB: uma análise das transformações no campo e na cidade. (Artigo de graduação, Curso de Geografia, UEPB/CH, orient. Leandro Paiva do Monte Rodrigues), 2023, 39p.

**LINHA DE PESQUISA: ESPAÇO AGRÁRIO: REORGANIZAÇÃO ESPACIAL E
RELAÇÕES DE TRABALHO**

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (**Orientador**)
Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Prof. Dr. Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França

RESUMO

O território brasileiro vem passando por uma série de mudanças relacionadas aos espaços urbanos e rurais, que impactam diretamente a produção agropecuária. O município de Bananeiras no Brejo Paraibano é um espaço de contradição, por um longo período histórico as principais atividades econômicas foram vinculadas a produção agrícola de monocultura, principalmente a canaveira, que ainda hoje tem certa relevância, todavia, foi neste espaço que se desenvolveram intensos conflitos no campo, que resultaram a formação de diversos Assentamentos da Reforma Agrária ao mesmo tempo houve a valorização de atividades urbanas. O objetivo desta pesquisa foi analisar as transformações do espaço no município de Bananeiras no que tange a produção agropecuária no período de 1995 a 2017, considerando as transformações do espaço rural e urbano. Os procedimentos metodológicos da pesquisa estão com base na pesquisa bibliográfica e na consulta de dados secundárias, destacando a consulta nos censos agropecuários do IBGE 1995, 2006, 2017. A pesquisa resultou em demonstrar diversas modificações no espaço do município, bem como intensificação da bananicultura como a produção agrícola permanente de maior relevância. Em relação a lavoura temporária é nítido da diminuição da produção de cana-de-açúcar. Além disso houve um aumento das atividades não agrícolas ligadas ao turismo e ao setor imobiliário.

Palavras-Chave: Bananeiras-PB; Brejo Paraibano; produção agropecuária; turismo.

ABSTRACT

The Brazilian territory has been going through a series of changes related to urban and rural spaces, which directly impact agricultural production. The municipality of Bananeiras in Brejo Paraibano is a space of contradiction, for a long historical period the main economic activities were linked to monoculture agricultural production, mainly sugarcane, which still has a certain relevance today, however, it was in this space that intense conflicts in the countryside, which resulted in the formation of several Agrarian Reform Settlements at the same time there was an appreciation of urban activities. The objective of this research was to analyze the transformations of space in the municipality of Bananeiras regarding agricultural production in the period from 1995 to 2017, considering the transformations of rural and urban space. The methodological procedures of the research are based on bibliographical research and consultation of secondary data, highlighting the consultation of the IBGE 1995, 2006, 2017 agricultural censuses. The research resulted in demonstrating several changes in the municipality's space, as well as intensification of banana farming as the most relevant permanent agricultural production. In relation to temporary farming, it is clear that sugarcane production has decreased. In addition, there was an increase in non-agricultural activities linked to tourism and the real estate sector.

Keywords: Bananeiras-PB; Brejo Paraibano; agricultural production; tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.	Mapa de localização do Brejo Paraibano	16
Figura 2.	Mapa de localização da cidade Bananeiras-PB	24
Figuras 3 e 4.	Casarões próximos a Igreja Matriz da cidade de Bananeiras, construídos no período de domínio do café.....	27
Figuras 5 e 6.	Festividades do Natal Luz e do São João realizados em Bananeiras-PB	34
Figura 7 e 8	Condomínios Águas da Serra e Monte das Cerejeiras, localizados no município de Bananeiras-PB.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Levantamento dos Assentamentos rurais do Brejo Paraibano	22
Tabela 2 –	Evolução da produção dos principais produtos agrícolas no município de Bananeiras-PB entre 1960 e 1970	28
Tabela 3 –	Censo populacional de 1991 a 2022 das cidades que compõem o Brejo Paraibano.....	30
Tabela 4 –	Produção dos principais produtos da lavoura permanente de Bananeiras-PB.....	31
Tabela 5 –	Produção dos principais produtos da lavoura temporária de Bananeiras-PB (2017)	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FINOR	Fundos de Investimentos do Nordeste
INTERPA	Instituto de Terras do Paraíba
PROALCOOL	Programa Nacional do Alcool
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
SIABI	Sistema Integrado de Automação de Bibliotecas.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CARACTERIZAÇÃO GEOGRAFICA DO BREJO PARAIBANO	16
3	CARACTERIZAÇÃO GEOGRAFICA DO MUNICIPIO DE BANANEIRAS- PB	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
4.1	PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIOS NO MUNÍCIPIO DE BANANEIRAS-PB	30
4.2	ASSENTAMENTOS NO MUNICIPIO DE BANANEIRAS-PB	32
4.3	O TURISMO COMO UMA NOVA ATIVIDADE ECONÔMICA NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS- PB.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERENCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Segundo Moreira e Targino (1997), no Brejo da Paraíba, a monocultura canavieira e a pecuária bovina criaram um modelo clássico de produção, pautado no latifúndio, monocultor, mas se observa que, a partir do fim da década de 1990, houve uma nova face das ações assumida no campo e nas cidades, relacionado à expansão do capital turístico e imobiliário. Trata-se, portanto, de uma nova forma de territorialização do capital.

Observa-se ainda um novo rumo na produção da cana-de-açúcar, agora voltada basicamente para a produção de cachaça e sua ligação com o turismo, com a construção de hotéis em áreas serranas para hospedar os turistas nos circuitos do frio e da degustação da cachaça no Brejo. Ao mesmo tempo houve uma grande expansão das áreas de assentamentos da reforma agrária.

Segundo Medeiros e Rodrigues (2021), a territorialização do capital e a luta pela terra na região de brejo paraibano, por sua vez tem originado novas territorialidades representadas pelas áreas de assentamento, comunidades quilombolas, cooperativas de mulheres, pequenas unidades produtivas familiares, voltadas para a olericultura, piscicultura, bananicultura e fruticultura, associada à produção de alimentos da agricultura local.

Concorrente a estes processos, também tem se desenvolvido um setor ligado ao turismo que pressiona o preço da terra urbana. A partir do ano de 2000 verifica-se no plano político regional, que ocorreu uma articulação do poder local aos setores empresariais e do turismo, que resultou em mudanças no espaço dos principais municípios do Brejo. Um novo nicho de mercado, baseado no turismo de inverno vai se expandir pelo campo, transformando a paisagem, as relações de trabalho e a própria malha agrícola dos municípios, originando outra territorialidade, com a prevalência das atividades turísticas e a construção dos condomínios fechados horizontais (PEREIRA JUNIOR et al, 2019).

O objetivo desta pesquisa é analisar as transformações do espaço no município de Bananeiras-PB no que tange à produção agropecuária no período de 1995 a 2017. A escolha desse período de estudo é em virtude das mudanças ocasionadas no campo e na cidade, principalmente com o fechamento das unidades produtivas de beneficiamento da cana de açúcar, engenhos e usinas de produção de açúcar, ocasionado grandes mudanças socioespaciais.

A compreensão das mudanças do uso do espaço agrário é relevante, uma vez que as atividades agrícolas impactam diretamente a vida dos moradores do município, principalmente a população urbana, uma vez que se existir uma boa produção de alimento na região, o custo da aquisição torna-se mais barato, possibilitando uma melhor forma de alimentação para a população, ao mesmo tempo há uma maior circulação de dinheiro entre as famílias de agricultores, o que também melhora a condição de vida destas famílias.

Partindo disso, o primeiro capítulo do trabalho se refere à introdução. O segundo capítulo se remete aos materiais e métodos, no qual se aborda sobre como se deu o desenvolvimento da pesquisa e todas as suas etapas desde as leituras, coletas de dados, campo etc. Enquanto na terceira parte trabalhamos o processo de formação e caracterização do Brejo Paraibano, desde o seu uso apenas para plantar as lavouras alimentícias dos engenhos aos dias atuais.

Já no quarto capítulo da mesma forma do anterior, trabalhamos o processo de formação e caracterização só que dessa vez foi sobre o município de Bananeiras-PB, indo desde o seu processo inicial de formação, ao desenvolvimento pelos condomínios fechados atualmente. No quinto capítulo tem-se a conclusão onde apresentamos as configurações atuais do município no que se refere à produção agropecuária, a importância do turismo como atividade socioeconômica e a configuração atual dos assentamentos. Por fim, no sexto temos a conclusão.

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa a partir de dados sobre o assunto, além de resultados quantitativos, para elaborar uma discussão. Nesta pesquisa propomos analisar a produção agropecuária no município de Bananeiras, compreendendo as transformações espaciais ocorridas tanto no campo como na cidade. Para tanto, se faz um planejamento para a realização da pesquisa, uma vez que envolve um expressivo número de dados para análise.

Em relação aos procedimentos metodológicos da pesquisa, estes consistem em todas as etapas e técnicas utilizadas pelo pesquisador para o desenvolvimento de uma determinada investigação. E, para este trabalho, serão realizados os seguintes procedimentos e técnicas de pesquisa:

Definição do objeto de pesquisa: Aconteceu a partir do interesse em dar continuidade às pesquisas iniciadas enquanto bolsista do programa de iniciação

científica (PIBIC) e de compreender a dinâmica da produção agropecuária no município de Bananeiras-PB.

Levantamento bibliográfico: Foi realizado um levantamento bibliográfico seguido de leitura de obras, artigos e relatórios de pesquisa. O levantamento bibliográfico permitiu a estruturação de um banco de dados bibliográficos referente à temática trabalhada, sobre a geografia agrária, produção agrícola e outras temáticas relacionadas. Foram consultadas as bibliotecas das principais instituições de ensino do estado.

Também foram efetuadas consultas junto aos Programas de Pós-graduação de Geografia, meio ambiente, entre outros, principalmente da Universidade Estadual da Paraíba, em sites de grupos de pesquisa e em revistas científicas de geografia e áreas afins, e no portal de periódicos da CAPES. Foram realizadas leituras de obras, artigos científicos, relatórios de pesquisa, monografias, dissertações e teses, fundamentados nos escritos pressupostos de autores como: Moreira (1989), Moreira e Targino (1997), CRPM (2005), Silva (2011), Rodrigues (2012) e Silva (2020);

Levantamento de dados secundários: Os dados secundários foram coletados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e/ou a partir do site. Foi realizado os downloads dos censos agropecuários da Paraíba nos anos de 1996, 2006 e 2017. Foi utilizado, também, o sistema de dados agregados do IBGE, conhecido como SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática), através do qual se tem acesso aos dados da Produção Agrícola Municipal (PAM), bem como aos dados dos censos agropecuários, esses dados foram o principal meio de aquisição de informações para ser ter a dimensão da produção agropecuária na área de estudo durante o período. Todos esses dados levantados foram transformados em planilhas, compondo um conjunto de dados alfanuméricos.

Pesquisa de campo: Na obtenção de dados de campo, deu-se o registro fotográfico como maneira de reconhecer e analisar um pouco as transformações ocorridas na cidade de Bananeiras-PB.

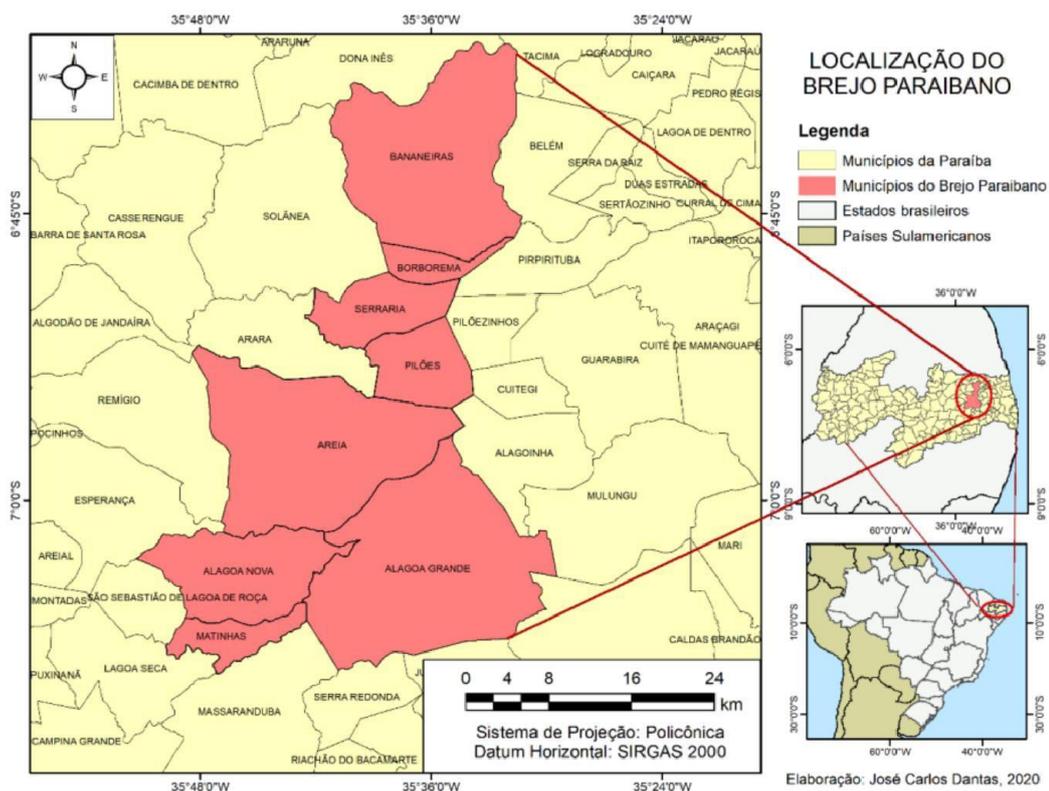
2 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO BREJO PARAIBANO

No estado da Paraíba, um dos mais importantes brejos serranos, conhecido por Brejo paraibano, localiza-se no rebordo oriental do Planalto da Borborema e estende-se no sentido Norte-Sul, por 62 km, no sentido Leste-Oeste, por 40 km (GODIM, 1999 *apud* RODRIGUES, 2012)

Anteriormente classificado como uma das oito microrregiões presentes na mesorregião do Agreste Paraibano, o brejo paraibano deixou de “existir” de acordo com a nova regionalização de 2017, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, onde os seus municípios foram para as regiões imediatas de Guarabira e Campina Grande, todavia, nesta pesquisa ira se trabalhar com o termo Brejo para designar a área de estudo.

Segundo Moreira e Targino (1997) o Brejo paraibano corresponde a um brejo de altitude de encostas voltadas para a ação dos ventos. A sua localização geográfica junto ao relevo beneficia a ocorrência de um clima úmido, com solos e uma hidrografia favorável ao desenvolvimento da agricultura (Figura 1).

Figura 1. Mapa de Localização do Brejo Paraibano



Fonte: Dantas (2020 *apud* Oliveira,2020).

Segundo Rodrigues (2012), da cobertura vegetal que exemplifica a mata de altitude do Brejo Paraibano, apenas duas áreas mais contínuas ainda são encontradas: a Reserva Ecológica Estadual da Mata do Pau-Ferro com área de 607 hectares, situada no município de Areia e a Área de Relevante Interesse Ecológico Mata de Goiãmunduba com área de 67 hectares, localizada no município de Bananeiras. Estas áreas são testemunhos de que a formação serrana de mata atlântica era predominante em todo o brejo paraibano

O processo de formação territorial do Brejo Paraibano, de acordo com Moreira e Targino (1997) foi tardio em relação a outras regiões da Paraíba, uma vez que no período colonial as principais mercadorias se encontravam na Zona da Mata com a produção da cana-de-açúcar e no Sertão com a pecuária bovina. O Brejo desempenhou um papel importante como ponto de ligação entre a Zona da Mata no Litoral e o Sertão uma vez que a partir do século XVII ele serviu como ponto de pouso de vaqueiros que faziam a travessia litoral-sertão. Estes pontos de pouso deram origem a feiras de gado que por sua vez propiciou o surgimento de núcleos de povoamento.

Ao lado da agricultura de alimentos, também se desenvolveu cedo o cultivo da cana de açúcar, destinada de início a produção de açúcar mascavo para o autoconsumo (Moreira e Targino, 1997). Posteriormente “uma sucessão de culturas, inclusive a própria cana, passaram a organizar o espaço regional dando origem ao que alguns historiadores e cronistas denominam de ciclos econômicos do Brejo” (Moreira e Targino, 1997, p. 85).

O algodão foi a primeira cultura a se destacar no Brejo por ser “uma cultura passível de ser plantada em associação com as lavouras de alimentos, sobretudo com o feijão, o milho e a fava produtos tradicionais da região” (Moreira e Targino, 1997, p. 85). O crescimento da atividade algodoeira no Brasil no século XVIII, ocorreu devido o afastamento do mercado dos Estados Unidos, maior fornecedor de algodão da Inglaterra na Guerra de Secessão (Rodrigues, 2012).

O impacto da produção de algodão foi importante para a consolidação dos primeiros núcleos com características urbanas no Brejo, a exemplo de Bananeiras, Pilões, Alagoa Nova e Areia (Almeida, 1994).

A hegemonia do algodão sobre a organização do espaço agrário brejeiro prolonga-se até a década de sessenta do século XIX. Nesse momento, assiste-se ao fim da “febre do algodão” motivado, basicamente, pelo retorno dos Estados Unidos ao mercado internacional desse produto após a Guerra de Secessão (Moreira e Targino, 1997, p. 86).

Com o declínio da produção algodoeira a saída encontrada foi a volta da atividade canavieira na região. A sua expansão se deu não somente pelas condições naturais que favorecem o seu cultivo, mas também pelo capital acumulado durante o período algodoeiro e a ideia de produzir para o mercado interno (Moreira e Targino, 1997).

De acordo com Moreira e Targino (1997) a expansão do ciclo da cana foi contida na última década do século XIX, devido: a) a elevação dos impostos cobrados a rapadura que saía do Estado, por determinação da Assembleia estadual, que ocasionou a perda do mercado consumidor do Rio Grande do Norte; b) a concorrência com a rapadura que era produzida no sertão, que de consumidor passou a ser produtor; c) as doenças que afetavam os canaviais, como a praga da “gomose”.

A saída encontrada por alguns senhores de Engenho para superar a situação de dificuldade financeira na qual se encontravam, foi o rompimento com a monocultura da cana e a introdução de uma nova cultura de exportação bastante valorizada no mercado internacional: o café (Moreira e Targino, 1997, p. 86).

Segundo Mariz (1978, p. 54 *apud* Moreira e Targino, 1997, p. 93) os municípios de Bananeiras, Alagoa Nova, Serraria e Areia possuíam por volta de 6 milhões de cafezais. Tendo Bananeiras uma produção de 150 mil arrobas. Essa expansão do café propiciou mais uma vez a sobrevivência de uma oligarquia rural que durante quase duas décadas controlaria as terras e o poder (Moreira e Targino, 1997). Mas de acordo com Moreira e Targino (1997) o período áureo do café durou pouco. Em 1920 a praga do “*Cercospora Parahybensis*” dizimou os cafezais em menos de 5 anos.

Com a crise causada pela desarticulação do café, a região do brejo volta-se para combinações agrícolas tradicionais: cana, gado e a agricultura de subsistência (Moreira e Targino, 1997). Alguns proprietários ainda tentaram desenvolver outras culturas, mas foram apenas tentativas frustradas.

Em 1928 foi instalada a primeira usina de açúcar do Brejo Paraibano, a tanques em Alagoa Grande e dois anos depois foi a Santa Maria em Areia, dando início a

retomada da atividade cana como principal atividade econômica regional (Rodrigues, 2012). O Brejo volta a produção da cana.

A volta da expansão da atividade canavieira foi marcada pela dualidade entre os engenhos de rapadura com as usinas de açúcar. Alguns senhores de engenhos tradicionais se mantiveram alguns anos resistentes à dominação da usina (Moreira e Targino, 1997). Para isso investiram na produção da fibra do sisal, que alcançou um preço elevado no mercado internacional. O sisal passou a ser produzido por todo o Brejo, em pequenas e médias propriedades (Rodrigues, 2012).

A partir dos anos 1960, com a queda da economia do sisal em virtude da concorrência com o sisal africano e a fibra sintética. A maioria dos senhores de engenho que produzia a rapadura e a aguardente, deixaram os mesmos em segundo plano e se submeteram as usinas, sendo meros fornecedores de cana (Moreira e Targino, 1997).

No início dos anos 1970 “poucos eram os Engenhos ainda em funcionamento na região e o sistema morador, característico da atividade canavieira regional, encontrava-se em processo de decadência” (Moreira e Targino, 1997, p. 96).

O espaço agrário paraibano, e por rebatimento, o do Brejo paraibano vão passar por profundas modificações a partir de 1970, em decorrência do processo de modernização da agricultura, implantado pelo governo brasileiro, conhecido como “modernização conservadora” (Rodrigues, 2012; Pereira Jr. et al, 2019). Esse processo segundo Moreira e Targino (1997, p. 97):

Foi responsável por mudanças profundas na base técnica e na organização da produção agropecuária, na distribuição da posse da terra, na dinâmica da população e do emprego rural, nas formas de organização e de luta pela classe trabalhadora que redundaram numa nova reestruturação do espaço agrário estadual. (Moreira e Targino, 1997, p. 97).

Em 1975 com os avanços devido a modernização da agricultura, foi criado o Programa Nacional do Alcool (PROALCOOL), sustentado por uma política de incentivos, que beneficiava tanto a produção industrial como agrícola. De acordo com Targino e Moreira (1992) o programa financiava 80% do valor investido por destilarias que tinham a cana como matéria prima e ao setor agrícola havia investimentos de 80% a 100% do projeto, que visava fundar ou ampliar as lavouras e custeava despesas de socas ou ressocas.

Para que se tenha uma ideia mais precisa do que significou o Proálcool em termos de investimento industrial no Estado, é suficiente destacar que os recursos dele provenientes para financiar a indústria sucro-alcooleira entre 1975 e 1985 representaram, aproximadamente, 40% do total dos financiamentos do FINOR, no mesmo período, para o conjunto do setor industrial paraibano. O aumento da capacidade produtiva do segmento industrial da agroindústria sucroalcooleira, cuja realização da produção passou a ser garantida pelo Programa, estimulou o crescimento do segmento agrícola. Estímulo esse reforçado pelos recursos destinados a fundação ou reforma dos canaviais. (Targino e Moreira, 1992, p. 91).

A produção da cana que antes se restringia apenas a 15 municípios do Brejo e do Litoral, ganha força sob outros nessas regiões, elevando-se ao Agreste baixo e Piemonte da Borborema, promovendo um desequilíbrio da paisagem rural (Moreira e Targino, 1997).

O crescimento da área de cana colhida entre 1970 e 1980 foi equivalente a 113,6%, o que significou a incorporação de mais de 45 mil hectares de terra pela cana. Deste total, 74% foram incorporados entre 1975 e 1980. Nesse período, o crescimento anual da área colhida com cana de açúcar no Estado foi de 10,5%. (Moreira e Targino, 1997 p. 108).

Com o Proalcool, houve uma redefinição no Estado da Paraíba, da região canavieira. Seja pela incorporação de novos municípios, seja pela expansão da fronteira canavieira inclusive nos municípios tradicionalmente produtores de cana. Considerando a importância da cana para os municípios, chamou-se de “Zona canavieira moderna” agora composto por 38 municípios (Moreira e Targino, 1997).

Até a implantação do Proalcool, a Paraíba contava com sete Usinas de açúcar, algumas dezenas de Engenhos, na sua maioria em estado de decadência, e com apenas três destilarias de álcool, sendo duas delas anexas e uma autônoma. De 1975 a 1985, dez novas destilarias foram implementadas e as pré-existentes foram ampliadas (Moreira e Targino, 1997 p. 110).

Quando o Proálcool chegou ao Brejo Paraibano, a cultura da cana já era presente na região, que já contava com duas usinas: a Santa Maria e a Tanques. Com os incentivos do Proálcool, em 1978 foi criada uma destilaria junto a Usina Santa Maria e outra autônoma de álcool no município de Pirpirituba. O aumento da procura por cana nessa região, devido às destilarias, faz com que a Usina Santa Maria passe a comprar engenhos na região (Rodrigues, 2012).

Na safra de 1974/75, além da cana própria, a Usina Santa Maria contava com 220 fornecedores que entregavam cerca de 39 milhões de toneladas; já no ano seguinte, com o início do Proálcool, o número de fornecedores aumentou para 309 e o total de cana por eles entregue era de 80,8 milhões de toneladas. Por sua vez, na safra de 1980/85 o número de fornecedores atingiu a cifra de 325 e a cana fornecida atingiu 277 milhões de toneladas, com um crescimento de 610% em relação a 1974/75 (Rodrigues, 2012).

Deve-se também levar em conta que o Proalcohol tanto criou como destruiu empregos. A expulsão-expropriação dos pequenos produtores de subsistência (moradores, parceiros e foreiros) foi constatada tanto nas áreas tradicionais produtoras de cana como naquelas que foram por ela incorporadas mais recentemente. O resultado foi, de um lado, o esvaziamento demográfico da zona rural e, de outro, o aumento das tensões sociais no campo. (MOREIRA e TARGINO, 1997 p. 114)

Paralelamente ao apogeu da atividade canavieira ocorreu uma expansão do setor de pecuária no Brejo. Para ser de fato efetivada ela contou com crédito subsidiado, com juros muito baixos e um longo período de carência. Esses estímulos advindos do setor público ao lado da demanda por carne e leite propiciou o crescimento da bovinocultura, que cresceu de modo significativo em todo o estado de 865.948 cabeças em 1970, passando a 1.296.081 em 1980. (Moreira e Targino, 1997).

Com a implementação do Proálcool, em 1975 era de se esperar que o município de Bananeiras reproduzisse a nova lógica da organização do espaço agrário do Brejo, com o avanço da cana e da pecuária sobre as outras atividades agrícolas. Todavia não foi exatamente isto que se verificou no município. A crise da economia canavieira iniciada entre a segunda metade dos anos 1980 e início dos 1990, se apresenta com o enfraquecimento na quantidade de área colhida de cana de açúcar, antes tendo 178 mil hectares em 1986 chegando a apenas 92 mil em 1993 (Moreira e Targino, 1997).

Junto ao período de apogeu do Proálcool na década de 1970, houve também a expansão da atividade da pecuária. Esse avanço só foi possibilitado também por políticas de incentivos com crédito subsidiado, baixos juros e um período de 3 anos de carência. E ao lado desses incentivos a demanda por leite, grandes cidades também ajudou nessa expansão da atividade canavieira (Moreira e Targino, 1997).

Para Moreira e Targino (1997), com os avanços ocorridos na pecuária a área de pasto se expandiu, alterando a antiga forma de convivência entre a pecuária e a

agricultura. Ocasionalmente a saída de trabalhadores e outros tipos de moradores, dando início a conflitos por terras e gerando um intenso êxodo rural. Devido a esse processo a luta por terras cresce no Brejo Paraibano culminando na morte da líder sindicalista Margarida Maria Alves, em Alagoa Grande-PB.

Nesse período, em razão do desemprego e da crise de acumulação da atividade canavieira e pecuária, segundo Moreira e Targino (1997) destaca-se a ação da Diocese de Guarabira e de alguns Sindicatos do Brejo que mobilizaram a organização dos trabalhadores em torno da luta por terra, que resultou na desapropriação de diversas propriedades e na construção de novas territorialidades representadas pelos 32 Projetos de Assentamento pelo INCRA (Rodrigues, 2012). Na tabela observamos uma divisão mais recente dos assentamentos. (quadro 1)

Tabela 1. Levantamento dos Assentamentos rurais do Brejo Paraibano.

Municípios	Assentamentos	Área (HÁ)	Nº de famílias
Alagoa Grande	Quitéria	167,7	50
	Caiana	226	67
	Sapé de Alagoa Grande	429,7	49
	Alagoa Nova	402,5	40
	Coração de Jesus	182,1	23
	Margarida Maria Alves	465,6	39
	Severino Ramalho	295,8	25
	Maria da Penha I	616,6	57
	Maria da Penha II	531,2	48
	Severino Cassimiro	150	19
	José Horácio	96,8	32
	Monsenhor Luiz	393,1	29
	Pescarmona		
	Caiana dos Mares	1.103,90	40
	Nova Margarida	843,6	79
Alagoa Nova	Engenhoca	382,2	41
	Cachoeira da Pedra	142,5	23
	D'água		
Areia	Esperança	140,7	49
	União	380,2	40
	Socorro	387,7	23
	Manoel Joaquim	193	39
	Engenho Cipó	187,8	25
	Celso Furtado	429	57
	Cumati	16,7	23
	Nova Vista	79,9	29

Bananeiras	Boa Vitória	201,7	14
	Santa Vitória	1.768,40	84
	São Domingos	676	25
	Nossa Sra. do Livramento	394	60
	Nossa Sra. das Graças	620,3	62
	Nossa Sra. do Perpetuo Socorro	1.642	54
	Mata Fresca	89,9	9
	Goiamunduba	374,5	26
	Cana Brava	38,8	6
	Baixa Verde	198,3	31
	Nossa Sra. De Fátima	381,2	42
Matinhas	Cajá de Matinhas	284,9	36
	Chã do Bálsamo	966	42
Pilões	Veneza	300	26
	Florestan Fernandes	450	41
	Josué de Castro	306,2	17
	São Francisco	432	28
	Redenção	969	94
	Santa Maria	269,7	27
Serraria	Campo Verde II	481,4	35
	Cajazeiras	509	50
TOTAL	45	18.496	1.715

Fonte: Adaptado do Incra (2020).

Observa-se que no Brejo paraibano é em Alagoa Grande que contém a maior quantidade de assentamentos e que Bananeiras será o segundo município com maior número de assentamentos neste período, com um total de oito assentamentos em seu território.

De acordo com Rodrigues (2012):

Com a crise do Proálcool, a região do Brejo paraibana ficará estagnada por quase duas décadas, sua economia será baseada principalmente pela agricultura familiar. Mas recentemente, no início do século XXI, a economia da região será movimentada, agora pelo capital imobiliário e do setor do turismo, o município de Bananeiras será um dos principais pontos de investimentos, alterando assim o seu desenho territorial e sua dinâmica espacial (RODRIGUES, 2012, p. 53)

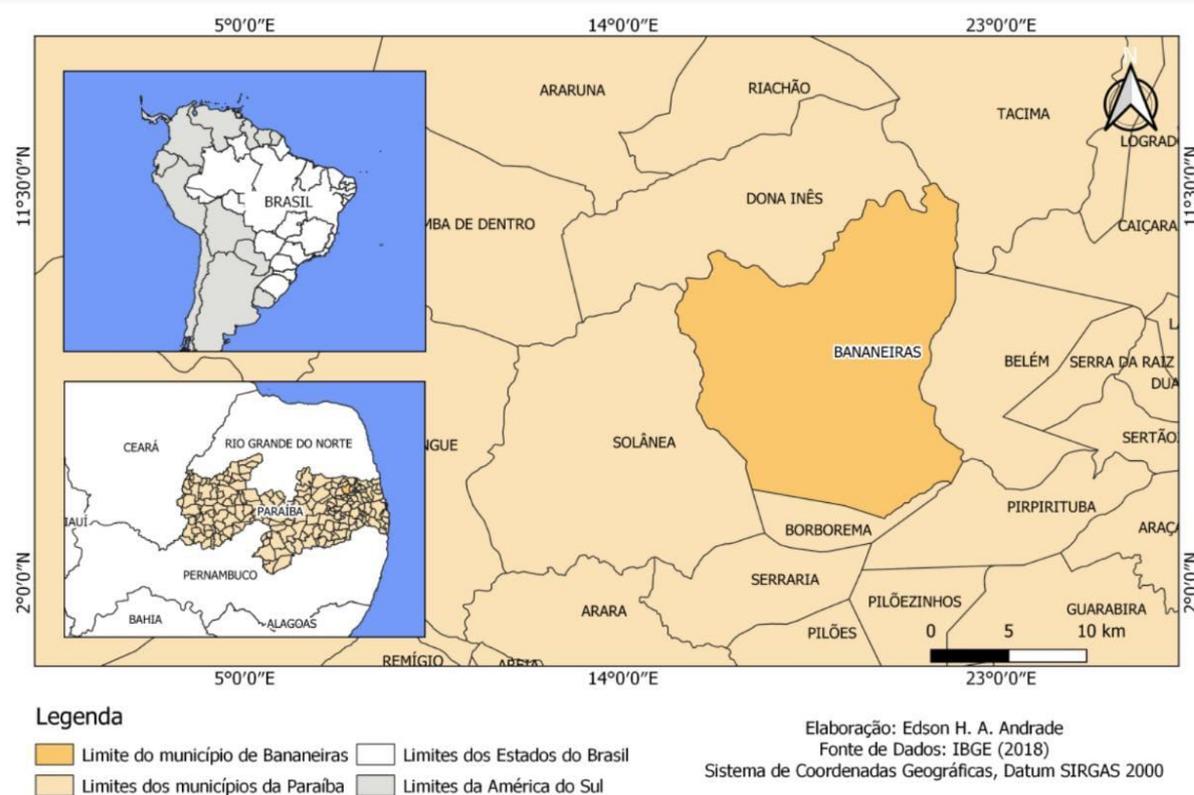
O brejo passará por uma reorganização territorial devido a construção de inúmeros condomínios residenciais de luxo, ocasionando uma supervalorização das terras dos municípios da região, muitos desses condomínios são casas de veraneio

para moradores de outras regiões do estado da Paraíba, e residentes de outros Estados.

3 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB.

O município de Bananeiras foi criado em 1833, ocupando uma área de aproximadamente 255 km², e localiza-se a 135 km distante da capital do estado, João Pessoa com uma população total de 23.134 habitantes (IBGE, 2022). Os limites do município estão divididos da seguinte forma: ao Norte, com os municípios de Dona Inês/PB e Tacima-PB; ao Sul, com os municípios de Borborema/PB e Pirpirituba-PB; a Leste, com o município de Belém-PB; e a Oeste, com o município de Solânea-PB, conforme figura 2 (Silva, 1997).

Figura 2. Mapa de localização do Município de Bananeiras-PB



Fonte: ANDRADE (2019)

A Microrregião do Brejo Paraibano, antes utilizada pelo IBGE entre 1989 e 2017, ainda é conhecida e identificada da mesma maneira, porém de acordo com a nova proposta de regionalização, realizada pelo IBGE em 2017, os seus municípios

ficaram divididos em duas Regiões Geográficas Imediatas: as de Guarabira e de Campina Grande. A primeira, representada pelos municípios de Bananeiras, Borborema, Pilões e Serraria; e a segunda, representada por Areia, Alagoa Grande, Alagoa Nova e Matinhas

Segundo o CRPM (2005) quanto às características geológicas o município é formado por rochas Cenozóicas, Neoproterozóicas e Paleoproterozoicas sendo representadas pelos seguintes tipos: arenito médio a conglomerático, granito, xisto, quartzito, mármore, granodiorito e monzogranito.

Segundo Moreira (1989 *apud* Oliveira, 2021, P. 31) o município pode ser dividido de acordo com suas condições climáticas em duas regiões diferentes: O curimataú, com um clima semiárido e o Brejo. Tendo um clima úmido com uma precipitação anual entre 1200 e 1500 mm. O município está inserido nas bacias hidrográficas dos rios Mamanguape e Curimataú, tendo como principais rios do município os Curimataú, Dantas, Picadas e Bananeiras. Este último tem sua nascente localizada próxima ao Campus III da Universidade Federal da Paraíba (Andrade, 2019).

Bananeiras-PB, na área de Brejo, possui vegetação da Mata Úmida de Altitude, enquanto na região semiárida tem-se parte de vegetação xerófila. Além disso, são formadas por Florestas Subcaducifólicas e Caducifólicas, sendo estas características das áreas agrestes contidas nos contrafortes do Planalto da Borborema (Cprm, 2005).

A evolução do processo de constituição dos municípios da Paraíba ocorreu de maneira lenta, tendo em vista que entre os anos de 1585 e 1822, o estado contava apenas com os municípios de: João Pessoa, Mamanguape, Areia, Piancó e Pombal (Moreira et.al, 2003).

A colonização das terras do atual Município de Bananeiras iniciou-se com a doação de sesmaria a Domingos Vieira e Zacarias de Melo, moradores em Mamanguape, na segunda ou terceira década do século XVII. O povoado de Bananeiras passou a pertencer à jurisdição da Vila de São Miguel da Bahia da Traição, em 1827. Em 1833, após se desvincular da Vila de São Miguel, pertenceu à Vila Real do Brejo de Areia, onde perdurou por 6 anos, sendo elevado à categoria de Vila depois. Alcançando a categoria de município apenas em 16 de outubro de 1879, devido a Lei Provincial nº 690 (Silva, 1997).

Em 1942 o município contava com os seguintes distritos: Solânea (Moreno), Borborema (Camucá), Dona Inês e Maia. Em 1953, ocorreram os processos de

desmembramentos que deram autonomia aos distritos de Solânea e Borborema, tornando-os cidades. Posteriormente o mesmo ocorreu com o distrito Dona Ines. Atualmente o município de Bananeiras conta com os distritos de Vila Maia, Tabuleiro, Roma e Chã do Lindolfo.

O desenvolvimento econômico de Bananeiras-PB ocorreu seguindo a produção de quatro ciclos econômicos, a cana de açúcar, o café e o agave. O algodão se fez presente nas combinações agrícolas municipais logo aos primórdios da sua formação territorial (Nóbrega, 1968).

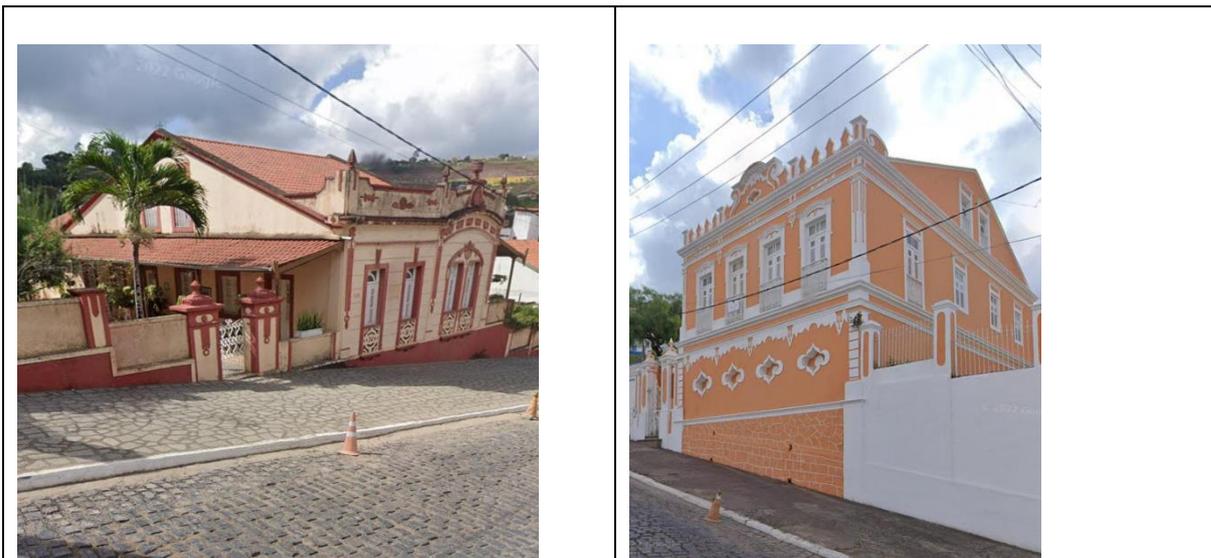
Desde a sua colonização o Brejo Paraibano foi utilizado como um ponto de ligação entre a cultura da cana cultivada no litoral e da atividade da pecuária do sertão, sendo que no Brejo a rapadura e a aguardente eram os principais produtos dos engenhos da região (Mello 2008, p. 98 *apud* Rodrigues, 2012, p. 58).

Tomé Barbosa foi o responsável por introduzir o café em Bananeiras, tendo sido os seus exemplares trazidos de Mamanguape (Silva, 1997). O café foi responsável por modificações não só no campo, mas também na cidade com a construção de casarões nas principais ruas da cidade, pela chamada elite do café. Esses casarões construídos durante o período áureo do café, são ilustrados nas figuras 3 e 4.

Como afirma Mariz (1945 *apud* Silva, 1997, P.28):

O café criou uma aristocracia territorial, social e endinheirada, encabeçada pelos nomes de Targino Neves, Virgínio Barbosa de Melo, Felinto Rocha, os Guedes Pereira, Bezerra Cavalcante, Carneiro Cunha, os Maia e outros mais. A esses seguiam os Freires do Bacupahy, os Cordeiros de Mijonia e numerosas outras famílias, com igual ou menor representação. Representação em números de pés nos campos cortados da rubiácea, e representação de maioria deles no domínio da sociedade e da política local e do estado (Mariz, 1945 *apud* Silva, 1997, P.28).

Figuras 3 e 4: Casarões próximos a Igreja Matriz da cidade de Bananeiras, construídos no período de domínio do café.



Fonte: Arquivo Pessoal do autor (2023).

Fonte: Arquivo Pessoal do autor (2023).

Importantes nomes cafeeiros da época ajudaram nas construções de obras religiosas. A Igreja Matriz Nossa Senhora do Livramento foi um exemplo dessas colaborações, onde alguns dos barões do café, assentaram pedras para a construção em respeito e igualdade pela padroeira (Silva, 1997).

O impacto da produção de café não foi apenas sentido na acumulação de capital por um grupo específico, a organização territorial do Brejo e de Bananeiras também sentiram transformações. Devido a uma maior e intensa produção a necessidade escoá-la, foi o ponto de partida para a construção de um ramal ferroviário, partindo de Bananeiras a Cuité, servindo tanto para as cargas e passageiros (Rodrigues, 2012).

Com a crise e queda da produção cafeeira ocorreu a implantação das usinas de açúcar. Em Bananeiras os produtores de cana também reagiram com o plantio do sisal, mas, da mesma maneira do que aconteceu na região, esta cultura também sofreu impacto da concorrência com a fibra sintética (Rodrigues, 2012).

Embora ainda estivesse presente na produção agrícola municipal em 1970, o agave, apresentou uma queda em relação a produção de 1960. Nesse mesmo período a produção da cana de açúcar apresentou um crescimento de 29,4%, demonstrando a submissão dos senhores de engenho às usinas, diante da crise do sisal (Rodrigues, 2012).

A produção da banana cresce de forma significativa nas décadas de 1960 e 1970, assim como a do fumo apenas na década de 1970. No que se refere à produção de alimentos, o feijão, a mandioca e o milho obtiveram crescimento na produção na

década de 1960, sendo as principais culturas. Mas em 1970, destes produtos apenas a mandioca apresentou crescimento da produção, enquanto o feijão e o milho sofreram retração.

A pecuária bovina foi outra atividade que se expandiu no município. Em 1960 existiam no município apenas 3.956 cabeças de gado. Em 1970, o número de bovinos alcançou 7.759 cabeças, representando um crescimento do plantel da ordem de 96,1% (IBGE, 1960; 1970).

Segundo Silva (2011, p.50) a partir da década de 1970, alguns fatores causaram impacto na produção agrícola do município:

a implantação do Proálcool e a conseqüente retomada da expansão da atividade canavieira; e o estímulo à atividade pecuária dado pela SUDENE. Cana e pasto passam a dominar o espaço agrário municipal. A fruticultura, em especial a produção de banana, tradicional no município, embora tenha sofrido com o avanço daquelas outras atividades, continuou compondo a pauta da produção agrícola (SILVA, 2011, p.50).

Com a implementação do Proálcool, em 1975, era de se esperar que o município de Bananeiras reproduzisse a nova lógica da organização do espaço agrário do Brejo, com o avanço da cana e da pecuária sobre as outras atividades agrícolas. Mas não foi exatamente isto que ocorreu no município (Rodrigues, 2012).

Tabela 2. Evolução da produção dos principais produtos agrícolas no município de Bananeiras-PB entre 1960 e 1970.

PRODUTOS	1960	1970	VARIAÇÃO %
Agave (tonelada)	24.831	22.273	-8,5
Algodão (tonelada)	473	421	-11
Banana (cachos)	40.583	233.090	474,4
Café (tonelada)	1	0	-100
Cana de açúcar (tonelada)	10.104	13.075	29,4
Feijão (tonelada)	1.902	405	-78,7
Fumo (tonelada)	87	171	96,6
Mandioca (tonelada)	3.546	4.651	31,2
Milho (tonelada)	1.556	576	-63
TOTAL	83.083	275.112	370,4

Fonte: Adaptado de IBGE (1960;1970)

Com a implementação do Proálcool, em 1975, era de se esperar que o município de Bananeiras reproduzisse a nova lógica da organização do espaço agrário do Brejo, com o avanço da cana e da pecuária sobre as outras atividades agrícolas. Mas não foi exatamente isto que ocorreu no município (Rodrigues, 2012).

Entre 1975 e 1985, observou-se uma redução da quantidade de cana-de-açúcar produzida, tendo uma queda de 29.451 toneladas para 3.083 toneladas, o que representa uma retração de 89,5%. A área colhida também recuou fortemente, caindo de 954 hectares para 130 hectares no período (86,4%) (IBGE, 1975; 1985 *apud* Rodrigues, 2012).

A pecuária foi a atividade que apresentou um considerável aumento na produção agrária municipal. No período de 1975 o rebanho bovino era composto por 9.271 cabeças de gado e em 1980 já era de 17 726 cabeças o que representa um crescimento de 91,19% em um período de 5 anos (IBGE, 1975; 1980 *apud* Rodrigues, 2012).

Em 1985 o rebanho do município de Bananeiras já era de 20 811 cabeças, o que representa um crescimento entre 1975 e 1985 de 124,4%. Dessa forma pode-se afirmar que o processo de pecuarização teve mais importância em Bananeiras do que o de expansão canavieira (IBGE, 1975; 1985 *apud* Rodrigues, 2012).

Essa continuidade de crescimento do rebanho bovino se deu até 1991 quando atingiu 25.650 cabeças. A partir do ano seguinte, houve quedas sucessivas no número de bovinos, sendo o efetivo do plantel no ano de 2009 representado por 13.200 cabeças. Essa retração do rebanho bovino pode ser explicada pela redução dos incentivos fiscais e creditícios na década de 1980 e os repetidos períodos de seca que afetaram o Estado (Moreira e Targino, 1997).

Segundo Rodrigues (2012) as principais lavouras permanentes do município foram o agave, algodão e café. Observa-se uma diminuição forte do sisal entre 1975 e 1985 com uma recuperação em 1995; uma queda da produção do algodão até chegar ao seu desaparecimento, o mesmo observado com a produção do café. A lavoura permanente que mais tem se destacado em Bananeiras/PB é a banana. Esta vem registrando sucessivos aumentos de área plantada e quantidade produzida.

O sisal, desde o final dos anos de 1960, já vinha sofrendo os efeitos da concorrência com o fio sintético e com problemas climáticos (secas). O algodão sofria com as oscilações climáticas, com os baixos preços de mercado, problemas tecnológicos e organizacionais no processo produtivo e, a partir de meados da década de 1980, a praga do bicudo atingiu os algodoais

e provocou o seu quase total desaparecimento. O café já era uma lavoura em declínio desde o início do século (Rodrigues, 2012, p.63).

Atualmente os principais produtos voltados a agricultura comercial no município são a banana e a cana, com uma área plantada muito reduzida e um baixo valor da produção, voltada principalmente para a produção de cachaça.

Atualmente Bananeiras-PB tem modificado alguns setores produtivos, onde houve uma inserção maior do turismo rural, cultural e de inverno, devido à sua localização geográfica privilegiada e ao seu conjunto arquitetônico. Todavia, ainda existem algumas unidades produtivas que cultivam a cana-de-açúcar, tais como o Engenho Goiamunduba, que produz a Aguardente Rainha, desde 1877, e a Cachaça Cascavel (Rodrigues, 2020).

4. RESULTADOS e DISCUSSÃO

4.1 PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIOS NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB.

A análise proposta tem uma periodização de 1985 até o ano 2017 por meio dos censos agropecuários, cumpre dizer que os municípios que constituem o Brejo Paraibano, em especial o de Bananeiras, em termo de populações são considerados pequenos, onde suas populações variam quantitativamente entre 3.000 a 30.000. Neste sentido, compreender as mudanças no espaço agrária é importante, pois a agricultura ainda tem um peso relevante sobre estas localidades. Para uma compreensão dos impactos das mudanças dos anos de 1990, 2000 e 2010 faz-se uma análise na mudança populacional (Tabela 3).

Tabela 3. Censo populacional de 1991 a 2022 das cidades que compõem o Brejo Paraibano.

MUNICÍPIOS	1991	2000	2010	2022	% 1991 a 2022
Alagoa Grande	30.159	29.169	28.479	26.062	-13,58%
Alagoa Nova	22.224	18.575	19.681	21.013	-5,45%
Areia	28.106	26.131	23.829	22.633	-19,47%
Bananeiras	23.339	21.810	21.851	23.134	-0,88%

Borborema	4.203	4.730	5.111	4.214	0,26%
Matinhas	-	4.086	4.321	4.571	11,87%
Pilões	7.879	7.800	6.978	6.815	-13,50%
Serraria	9.706	6.678	6.238	4.885	-49,67

Fonte: IBGE (1991, 2000, 2010 e 2022).

Com base na tabela 3, exceto os municípios de Borborema e Matinhas, no qual ocorreu um aumento, os demais tiveram queda no número da população residente no período de 1991 - 2022, principalmente no que tange a população rural, chama a atenção os municípios de Areia, Alagoa Grande e Serraria, que respectivamente tiveram uma diminuição de -5,45%, -13,58% e -49,67%. O período de 1990 a meados de 2000 toda a região viveu uma grave crise no sistema produtiva, ocasionando desemprego e migração (Moreira; Targino, 1997; Rodrigues, 2012).

O Estado da Paraíba tem 314 assentamentos da reforma agrária, com 14.645 famílias assentadas, ocupando uma área de 294.672,09 ha (INCRA, 2017). Quando se faz a relação com o Brejo Paraibano observa-se que os oito municípios que formam a região representam 13,7 % de todos os assentamentos na Paraíba. Já em relação ao número de famílias assentadas na área de estudo representa 11,17 % de todas as famílias assentadas no Estado. Em relação a área, os assentamentos do brejo representam 6,47% da área dos assentamentos do Estado da Paraíba.

Em relação a produção agrícola no período de estudo, no que tange a lavoura permanente chama a atenção a crescente produção de banana (tabela 4).

Tabela 4. Produção dos principais produtos da lavoura permanente de Bananeiras-PB (2017).

Variável - Quantidade produzida (Toneladas)				
Município - Bananeiras (PB)				
Produto das lavouras permanentes - Banana (cacho)				
1990	1997	2006	2017	2022
2040	1600	30240	21000	18900

Fonte: Adaptado do IBGE (1990, 1997, 2006, 2017, 2022).

A banana, foi a que mais se expandiu, hoje é a principal fonte de renda da região, a banana, de início não foi cultivada na região, contudo este produto, tem um mercado amplo, que permite o seu escoamento com facilidade, principalmente nas áreas da reforma agrária, possibilitando aos assentados uma fonte de dinheiro vivo

para a manutenção dos mesmos (Menezes, et al, 2013).

Essa cultura ocupou principalmente as áreas dos canaviais, fortalecendo uma nova atividade agrícola, diferente da cana-de-açúcar, pois a banana é uma produção permanente que precisa da força de trabalho. A bananicultura foi uma maneira de reocupar as terras, que anteriormente servia a monocultura canavieira.

Em relação a produção agrícola temporária, o que mais chama a atenção é a queda da produção de cana-de-açúcar durante o período, ficando mais estreita apenas aos engenhos de produção de cachaça da região. (tabela 5).

Tabela 5. Principais produtos da lavoura temporária de Bananeiras-PB.

Produtos da lavoura temporária			
Produtos (TON)	1990	2017	% 1990 - 2017
Algodão herbáceo (em caroço)	200	-	- 100
Cana-de-açúcar	6000	5400	- 10
Fava (em grão)	-	65	---
Feijão (em grão)	2880	248	-91,4
Fumo (em folha)	90	-	- 100
Mandioca	6400	4100	- 35,9
Milho (em grão)	2400	180	- 92,5

Fonte IBGE (1990, 2017)

Dos produtos tradicionais da agricultura alimentar mandioca, feijão e fava, destacam-se, a mandioca, em termos de valor da produção; e o feijão, em termos de área plantada. Mas trata-se de culturas alimentícias, ou seja, a maior parte da produção fica inicialmente com a família produtora e apenas o excedente será comercializado.

4.2 ASSENTAMENTOS NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB

De acordo com Silva (2011) na história da questão agrária de Bananeiras, não houve notícia da ocorrência de grandes conflitos até a segunda metade do século XX. Somente a partir de 1970 e, mais frequente, na década de 1980, foi que os conflitos por terra eclodiram no município.

Entre 1972 a 1986, Moreira (1997) identificou 9 conflitos existentes no município, envolvendo, aproximadamente, 300 famílias. Com exceção de um imóvel onde à luta de resistência somou-se uma ação de ocupação, os conflitos não surgiram mediante ocupações de terra. Eles tiveram origem a partir de:

a) aumento do valor da renda da terra paga por arrendatários ou foreiros, visando obrigá-los a não renovar os contratos e desocuparem a propriedade;

b) tentativas de expulsão dos camponeses para mudar forma de exploração da terra.

c) venda da terra e do interesse do novo proprietário em retirar os camponeses da mesma para introduzir nova forma de exploração, utilizando mão-de-obra assalariada;

d) conflito trabalhista que redundou em conflito de terra no momento da negociação entre trabalhadores e arrendatários do imóvel (Moreira, 1997).

Atualmente, no município de Bananeiras/PB existem 13 assentamentos rurais, 9 deles são constituídos pelo INCRA: Cumati, Nova Vista, Boa Vitória, Santa Vitória, São Domingos, Nossa Sra. do Livramento, Nossa Sra. das Graças, Nossa Sra. do Perpétuo Socorro e Nossa Sra. de Fátima.

Os 4 Assentamentos rurais Mata Fresca, Goiamunduba, Cana Brava e Baixa Verde foram constituídos pelo Instituto de Terras e Planejamento Agrícola do Estado da Paraíba (INTERPA). Estes assentamentos foram adquiridos pelo Estado em parceria com o Banco Internacional para o Desenvolvimento (BIRD), em 1993. Apenas no Baixa Verde, foi encontrado a ocorrência de conflitos. Tratava-se de imóveis de pequena dimensão. Cada um deu origem a um assentamento que permaneceu com o mesmo nome do antigo imóvel (Silva, 2011).

Segundo Oliveira (2021) a reforma agrária implementada no município de Bananeiras/PB foi realizada em dois pontos: no caso dos nove assentamentos rurais constituídos pelo INCRA, seguiu as normas estabelecidas pelo Estatuto da Terra, reconhecidas pela Lei 8.629/9314 da Constituição de 1988; e o segundo, referente aos quatro assentamentos rurais constituídos pelo INTERPA, que se resume à pura e simples compra de terras pelo Governo do Estado com recursos do Banco Internacional para o Desenvolvimento

4.3 O TURISMO COMO UMA NOVA ATIVIDADE ECONÔMICA NO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB.

A economia de Bananeiras antes marcada pela produção do café, uma atividade agrícola, atualmente tem expandido sua economia para outros setores, no caso, para o de turismo, com investimentos para a criação de vários eventos, a

exemplo do São João, Caminhos do Frio, Natal iluminado entre outras festividades que com isto impulsionou a valorização do espaço no Brejo paraibano, ocasionando o interesse do setor imobiliário que passou a investir na construção de chácaras, de condomínios fechados, que foi o caso de Bananeiras-PB (figura 5 e 6).

Nos últimos anos, se intensificou a criação de loteamentos e condomínios no município, essas edificações são, em sua grande maioria chamadas de residências secundárias. Quer dizer que essas residências secundárias são utilizadas por pessoas que possuem residência em outro lugar e só utilizam essas moradias em determinadas épocas do ano, seja para passeio, lazer ou trabalho (Fonseca, 2012, p. 52).

Figuras 5 e 6: Festividades do Natal Luz e do São João, realizados em Bananeiras-PB.



Fonte: Lucas Monteiro (2022).



Fonte: Lucas Monteiro (2023).

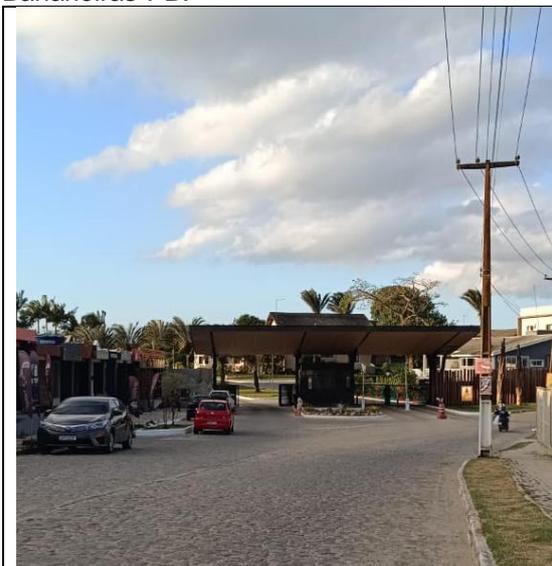
Atualmente, o município conta com 15 empreendimentos imobiliários entre condomínios e loteamentos, alguns ainda em fase de demarcação dos lotes e início das obras de pavimentação e serviços como abastecimento de água e energia (Figura 7 e 8). Mas os condomínios construídos já influenciaram muito a economia do município de Bananeiras, ocorrendo o aumento das vendas, os comerciantes tiveram que ampliar ou modificar seus estabelecimentos e serviços para atender as exigências dos novos clientes, houve busca por novidades, acarretando também na criação de empregos diretos e indiretos (Ramiro, 2012).

Segundo Lopes (2022) com a intensificação da atividade turística no município

de Bananeiras, novos empreendimentos foram surgindo, alguns, aproveitaram fatores e edificações históricas para a implementação destes serviços, a exemplo da Pousada da Estação, o Hotel Serra Golfe e o Divino Casarão, que se utilizam de prédios e artefatos construídos antigos para a oferta desses serviços.

Esse ramo de empreendimento tem crescido no município de Bananeiras, principalmente, devido a elevada procura de terrenos nas partes mais altas da cidade, ou seja, os altos das serras. Essa procura cresceu de uma certa forma criando uma forte especulação imobiliária no município, e áreas não ocupadas ou pertencentes a algum proprietário, são adquiridas para a implementação deste negócio (Lopes, 2022).

Figura 7 e 8: Condomínios Águas da Serra e Monte das Cerejeiras, localizados no município de Bananeiras-PB.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Ainda de acordo com Lopes (2022), os lugares considerados como os de melhor localização do município, acabam sendo loteados e colocados em oferta para a venda, visto que se localizam mais distantes do centro urbano e, conseqüentemente, da realidade da cidade. Esses condomínios e loteamentos, além de ocuparem grandes áreas de terra, em troca da oferta dos melhores serviços aos seus moradores cobram altos valores pelos terrenos, dividindo o espaço entre a população local e os membros da elite. Segundo Silva (2012, p. 16), “estão mudando o panorama da cidade, seu padrão de segregação espacial e o estilo do espaço público e das influências públicas entre as classes”.

Essa “segregação” pode ser sentida principalmente no ano de 2021, quando a principal fonte de abastecimento da cidade, a barragem de Canfístula II, entrou em colapso devido a falta de chuvas. Com isso o fornecimento de água foi interrompido, sendo realizado através de caminhões pipas e a perfuração de poços artesianos.

De acordo Lopes (2022), nos períodos em que o município sofria com a crise hídrica, tendo seu abastecimento sendo feito de forma racionada, chegando a passar semanas sem abastecimento de água, porém, nos períodos de grande demanda turística na cidade, esse racionamento era pausado, a água era liberada de forma contínua e só voltava a ser racionada, quando o número de turistas na cidade diminuía.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa verificou-se as mudanças que ocorrerem no município de Bananeiras-PB, tanto a partir das transformações espaciais, com a criação de diversos assentamentos da reforma agrária, como em novos agentes econômicos vinculados aos setores de turismo e imóveis.

Do ponto de vista da produção agropecuária o município de teve os ciclos econômicos importantes passados por suas terras como o da cana, sisal, café e algodão. Mas ao passar dos anos também diversas mudanças ocorreram, como a diminuição de latifúndios monocultores ou criadores de gado.

A cana-de-açúcar diminuiu expressivamente a produção, servindo hoje em dia, basicamente, para a produção da cachaça. Algumas produções como a bananicultura e a mandioca aumentaram significativamente, mostrando a importância da produção familiar de alimento e para a comercialização.

Pudemos verificar também que o espaço físico deste local vai sendo modificado, conforme o interesse pelo uso da terra. Com o passar dos anos a cidade sai da dependência do setor agropecuário e passa a abranger novos mercados dessa vez ligados ao setor do turismo. Essa terra vai ganhando um novo valor, com a chegada de empreendimentos.

Os empreendimentos causam grandes mudanças no espaço, na paisagem e no modo de vida local. Percebemos, ainda, que a população local também é beneficiada com a oferta de empregos nos mais diversos serviços e ainda a oportunidade de se tornarem empreendedores locais. Com isso vemos a importância do turismo, que é um setor que vem crescendo nas últimas décadas no município, como fio condutor do desenvolvimento socioeconômico da cidade.

Essas novas territorialidades construídas tanto pelo avanço do capital no campo ou pela chegada de novos empreendimentos que ocorrem nas cidades são fortalecidas por políticas públicas contraditórias. Os principais problemas que essas grandes modificações causam são a privatização e sobrecarregamento do espaço urbano, a atividade turística intensifica problemas já existentes como poluição, violência e a desigualdade social.

Todos esses elementos vistos na pesquisa se encontram de modo entrelaçados, formando um território com diversas territorialidades dentro do espaço.

REFERENCIAS

ANDRADE, E. H. A. de. **Quadro geográfico do município de Bananeiras/PB com auxílio do sensoriamento remoto e geoprocessamento**. 2019. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005, 334p.

FONSECA, M. A. P.; LIMA, R. M. M. “Segunda residência: conceito, características e significados”. In FONSECA, M. A. P (Org.). **Segunda residência, lazer e turismo**. Natal: EDUFRN, 2012. v.1 p. 11-18.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 1995 –**. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006 –**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017 – Resultados Definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017, 109p.

IBGE. Cidades. 2023. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> >. Acesso em 10/05/2023.

MENEZES, Marilda. MALAGODI, Edgard. MOREIRA, Emilia R. Da usina ao assentamento: os dilemas da reconversão produtiva no Brejo Paraibano. **Estud. Soc. e Agric.**, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, 2013: 332-358.

MOREIRA Emilia. **Por um pedaço de chão**. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 1997. Vol 1 e 2.

MOREIRA, E.R. F.; TARGINO, I. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1997, 332p.

NÓBREGA, H. **Evolução Histórica de Bananeiras**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Nº 16, 1968, p. 9-46.

OLIVEIRA, R. L. de. **Caracterização geral do processo de formação dos assentamentos rurais de reforma agrária do município de Bananeiras/PB: produção agrícola atual**. 2021. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2021.

PEREIRA JUNIOR, José; MEDEIROS, José Gustavo França de; SANTOS, Eduarda Luna dos; RODRIGUES, Leandro Paiva do Monte. **O processo de reforma agrária no Brejo Paraibano: uma análise sobre o espaço e suas transformações**. In. Congresso Internacional de Meio Ambiente e Sociedade, I, 2019, Campina Grande/PB. **Anais...** 2019, p. 1-12.

PORTO, Kátia C; CABRAL, Jaime J.P.; TABARELLI, Marcelo. **Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 324p.

RAMIRO Maria Roméria Rocha. **Condomínios residenciais e sua influência na dinâmica socioeconômica de Bananeiras/PB.** 2012. 37f. Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira/ PB, 2012.

RODRIGUES, Leandro P. M. **A formação territorial do Brejo paraibano e a luta pela terra: o caso do assentamento Nossa Senhora de Fátima.** 2012. 211f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/ PB, 2012.

SILVA, Manoel Luiz da. **Bananeiras: sua história, seus valores.** João Pessoa: Gráfica IPÊ, 1997, 210p.

SILVA, Manuel Vieira da. **Do Sítio Cabloco ao Assentamento Nossa Senhora das Graças: Território de exploração versus território de esperança.** 2011, 144f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

SILVA, Maria Taize Gomes da, **Loteamentos e especulação imobiliária: estudo sobre o município de Bananeiras – PB.** Guarabira: UEPB, 2012.

SILVA. M. Luis da. **Bananeiras: sua história, seus valores.** João Pessoa: Gráfica IPÊ, 1997, 210p.